

## GEMAGEM: POESIA DE ALTO QUILATE

Waldo Motta\*

TAVARES, Marcos. *Gemagem*: poemas. Vitória, ES: Flor & Cultura, 2006.

Com um atraso de uns 20 anos, o escritor Marcos Tavares, 49 anos, nascido numa antiga casa de pedra, na Vila Rubim, em Vitória, e hoje radicado em Guaçuí, por insistência de amigos ora traz à lume a edição de seus antológicos poemas, no livro *Gemagem*, publicado através da Lei Rubem Braga. Enquanto contista, em 1987 publicara o livro “No Escuro, Armados”, que veio a conquistar a admiração de críticos de renome e de exigentes leitores. “Entre os muitos que escrevem por aqui (...), salvam-se tão poucos, com domínio de técnicas de linguagem, com algum conhecimento da língua, com realmente algo a dizer. Marcos Tavares é um deles.”, escreveu a jornalista Sandra Aguiar sobre “No Escuro, Armados”, em A GAZETA, Caderno Dois, 23-07-1987.

Por analogias fonéticas e semânticas, a palavra gemagem nos lembra: gemação, gema, gen, genética, gênio, engenharia. E tudo isso está presente nos poemas deste livro. Chama-se gemagem o processo pelo qual se retira dos vegetais a resina, ou o látex. E gemação é o processo de formação de gemas nos três reinos da natureza: animal (ovo), mineral (pedras) e vegetal (brotos). Com este título o autor alude à produção de suas jóias poéticas, do ovo de ouro, da pedra filosofal, em suas retortas operações verbais, alquímicas, matemáticas. Marcos burila palavras, fá-las gemas gemidas, germinadas nas minas da alma, qual pedras viventes, jóias da língua. O título do livro vincula-se ao poema “Gema Gemido” (dedicado a Oscar Gama, outro poeta, cujo sobrenome serviu de mote a essa jogada criativa).

Como bem o demonstram os avançados estudos científicos, a Natureza obedece a um plano matemático na construção de formas nos reinos

---

**Waldo Motta** é poeta, autor de “Eis o Homem”, “Poiezen”, “Bundo e outros poemas” e “Recanto”.

mineral, vegetal e animal, que revela uma ordem cósmica: padrões de simetria e harmonia assombrosos, tanto em níveis macro quanto micro. Demiurgo, o poeta cria seres de linguagem em que aparecem esses sinais da arquitetura divina.

### Diálogo

Escritos entre 1976 e 1984, uns já publicados nas revistas capixabas Letra e Ímã, outros premiados em concursos literários daqui, e alguns inéditos, os poemas de *Gemagem* revelam um poeta consciente e atento às ideologias políticas e estéticas. Daí que a maioria dos poemas é construída segundo os padrões formais da poesia concreta, do poema processo, do poema práxis, da arte engajada, da literatura popular e erudita. Ou seja: ciente de que está numa aldeia global, Marcos dialoga com várias correntes da poesia brasileira.

Nessa linha da relação dialética com outras vozes estão os poemas intertextuais, em que o poeta dialoga com os seus pares, através de paródias, da apropriação, da mímese estilística à Drummond e à Cabral, de concretistas, de praxistas, de autores anônimos da literatura popular, do folclore (formas simples), exibindo seus dotes camaleônicos. O poeta é um fingidor? Melhor, o poeta é um ator que se desdobra em “trezentos e cinquenta” eus e outros em constantes assembléias e diálogos. Por isso, dos 50 poemas de *Gemagem*, 17 são intertextuais e metalingüísticos.

Nos poemas metalingüísticos o poeta nos apresenta a sua poética, e diz o que pensa de sua arte, seus instrumentos e limitações. Confirmam-se: “Da isenção do instante” (p. 25), “Do linguajar das pedras” (p. 48), “Poetífico” (p.50), “Canto outra vez adiado” (p. 53-55), “Mundo versus palavras” (p. 82), “Saudação à ave que passará” (p. 86), “Do desencanto do poemador” (p. 87) – este, sintomaticamente, o último poema.

### Ciência e arte

Embora o pai o quisesse engenheiro, e sendo esportista e ex-estudante de Matemática e de Economia, na Ufes, o poeta incorporou em seus poemas a disciplina, as harmonias, a construção verbal, a condensação, o exercício formal, a reflexão social. Observem-se, por exemplo, as simetrias e os detalhes formais presentes no título *Gemagem* e no poema “Gema gemido” (tanto na forma do poema, quanto no verso “a bala abala a rara arara” – onde se pode notar desde o impacto do projétil, representado pelo som da letra b, até a própria bala, representada pela letra a atravessando o verso de um lado ao outro). Seria fantasioso demais observar que o título *Gemagem* é a combinação de 4 letras (o tetragrama G-E-M-A), que lembram as bases químicas (o tetragrama A-C-G-T), e que “Gema gemido”, poema nuclear do livro, com 46

versos, é dividido em duas estâncias de 23 versos – lembrando os cromossomos? Em tempos de decifração de um possível Código DaVinci, tudo é possível.

Nesse poema, que alude ao título, o assunto é a morte de uma ave (“rara arara”), que é clara metáfora do poeta. É interessante observar como o “poemador” (MT prefere assim) vincula essas imagens e se identifica com as aves, almas penosas neste mundo ímpio, avoado, nos poemas “Visita do anjo” (p. 60-61), “Saudação à ave que passará” (p. 86), “Gema gemido” (p. 21-22), “Da metafísica do ovo e da galinha” (p. 23-24), todos metaforizando a figura e a situação do poeta, “potencial marginalizado numa sociedade materialista e consumista”, conforme diz MT no Prefácio. Isso nos remete à velha discussão sobre a função ou utilidade da poesia, o desprezo burguês aos poetas, e também a linguagem dos pássaros, ou anjos, ou deuses. Que, no final da conta, é a poesia.

### **Contexto**

No seu prefácio intitulado “Ruminações ao redor do ovo”, Tavares nos informa sobre o contexto de sua escritura, e cita um caso de patrulhamento ideológico que sofreu. Também revela seu relacionamento com quase todos os nomes expressivos da literatura daqueles anos: sobretudo Oscar Gama e Miguel Marvilla (do grupo Letra), Fernando Tatagiba, o autor deste artigo, Gilson Soares, Deny Gomes e os adeptos de oficina literária, Paulo Sodré, Francisco Grijó, Adilson Villaça, Alvarito Mendes, Benilson Pereira etc.

Por força de sua consciência ética, de sua luta pela dignidade humana, MT aborda temas de interesse social, alguns recorrentes, tais como: violência, guerra, militarismo, arbítrio, destruição, morte, ecologia; negritude; religião; trabalho; vício; amor erótico e fraterno, incluindo poemas homoeróticos.

Num momento em que muitos poetas bandearam para o verso fácil, quase fala em estado bruto (referimo-nos à poesia marginal) e outros refugiaram-se no formalismo estéril, ele aprofundou-se na pesquisa de forma e de conteúdo, sem abrir mão da inteligibilidade. Tornou-se, sem alarde, não apenas um poeta do seu tempo, mas também contra o seu tempo.

### **Conclusão**

A recorrência de temas, motivos, abordagens, imagens, técnicas e recursos dá uma coerência e equilíbrio ao conjunto dos poemas, revelando um plano de construção, uma intencionalidade, um pensamento pautado numa ética e num projeto de vida em que sobressaem justiça e dignidade.

Marcos Tavares dá uma bela lição de competência e talento, de largueza de espírito, de consciência da aliança entre arte e vida, entre ética e

estética. Por isso, recomendo a leitura não só dos poemas, mas também do dito prefácio e dos aspectos biográficos do autor em foco.

### GEMA GEMIDO

a Oscar Gama, poeta

dia a dia, adiado o tardio parto, perto.  
festa a floresta porque flore a manhã.  
alvorada, a ave vê alvo o céu e alto  
voa à luz do sol. seu par de asas sobre-  
voa a verde mata – matutino vôo,  
sem meta. no ar, vão batendo vão  
batendo vão, as asas – feixe de penas.  
à hora nona, ora evolva céu afora  
ora parte da altura em raso vôo  
em volta ao ninho, meteórica partida  
a seu nicho ecológico – auriverde área.  
breve pausa, ao meio-dia, pausa brava.  
via oral, via aérea, ousa sua selvagem  
melodia – maviosa voz ao véu alvianil.  
e logo após impõe às asas o movimento.  
céu, vôo – seu ovo. clara metáfora.  
seu vôo, arauto de uma nova eva, aérea.  
finda o voar ao fim da parda tarde.  
pôr-do-sol, a dor do pôr-o-ovo:  
adorado ardor de ave ávida à vida.  
após posto o ovo, o vôo suave.  
de árvore em árvore, o ar de amar,  
mãe solteira na tarde, solitária.  
mas desalmado a dor da bela ave caça.  
bélica, sua mão destra mune a arma  
a ar comprimido e opressora bala.  
enquanto olho nu por fresta a vê.  
de par a par, pára e mira. depara-a  
em vôo. agora pouso. pára e mira.  
a ave alça vôo fora da alça de mira.  
respira o ar em volta. volta e meia,  
cessa o respirar. aponta. a ponte,  
entre alvo e mão, dura o tiro. demora.  
tempo do rito embora breve gera ira.  
duro dedo indicador, à vera, aguarda.  
quarto de hora, envolto em ar, respira.  
aorta em rota, fiel ator, o cão espreita.  
rota da ave quieta a mão. enfim o tiro.  
reto trajeto de projétil rasga o vôo.  
a bala abala a rara arara.  
ex-alada, exala findo suspiro.  
força da bala o grave repouso forja.  
as asas apenas ar: onde há penas.  
o corpo: o orpo o rpo o po o o.  
agora só o ovo: gema e clara.  
gemido imposto por própria arara.

(Outubro, 1979)

**PARTILHA**

**95**

Perto ao porto, não  
sei se parto, ou não:  
beiro o caos.

Perto ao porto, não  
sei se rapto, ou não,  
parte da ilha.

Partilho a antes-dor  
do ex-ilhado:  
meu ser é cacos.

Em si, não me importo  
se parto ou não :  
a nau é o acaso.

Se parto, levo a bordo  
parte da ilha  
qual clandestina.

Se me abordarem em  
alto mar o contrabando,  
grito mais alto  
que as ondas.

E, rápido, o embrulho  
desfaço, e o passaporte,  
e, oco, mergulho  
na morte.

(1980)

## DAS PULSAÇÕES

O coração pulsa  
em tic-tac maluco  
qual relógio de pulso  
que, diário, pulsasse  
à parede do tórax  
pelo lado ocluso.

À parede, sim (sem ser cuco  
que, horário, avisasse  
o passar da hora,  
que voasse num impulso  
de voar, sem verdugo  
tal o relógio – à chave  
preso e preso às cordas  
de seu mecanismo de não-ave).

Que o cuco não-relógio  
só se ata às suas asas,  
às chaves do bico, às cordas  
vocais, e não canta nos móveis  
nem nas paredes das casas  
na hora em que acorda .

Mas o coração pulsa.  
Seu tic-tac ilógico  
mede o tempo de uso,  
de vida – não o necrológico,  
da inércia dos músculos,  
e do conjunto ósseo.

Mas o coração pulsa.  
Seu tic-tac, o arranque,  
ouve-se no peito, sob a blusa,  
onde, em artérias de sangue,  
mede a oferta e a recusa  
de outro coração que bate  
no mesmo compasso,  
em pulsações convulsas.

(16-08-1977)